

É PRECISO LANÇAR MUNDOS NO MUNDO ¹

“O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.”
(Fernando Pessoa)

Com “Lançar mundos no mundo”, tento comunicar, me valendo da poesia, o que entendo por publicar em psicanálise. Insisto nesse tema, especialmente, porque a primeira intenção editorial da Reverie é registrar o pensamento psicanalítico que flui na correnteza da nossa Sociedade. Tal intenção é movida por um sentimento muito parecido com o que sente o Poeta pelo rio que corre pela sua aldeia.

Escrever o que se apreende na vivência da psicanálise está no âmago do legado de Sigmund Freud. Tanto é assim que relatos de pessoas sobre a própria análise², e não somente os que mostram a experiência psicanalítica da visão do analista, uma vez publicados, enriquecem o entendimento sobre a psicanálise na medida em que oferecem a multiplicidade trazida por diversos ângulos, inclusive o do analisando.

Edgar Morin (2000)³ ensina que a qualidade do futuro da humanidade e, especialmente, sua sobrevivência, dependem de que se possa aprender sobre a condição humana. Ele sublinha que o ser humano é, a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico, e enfatiza que é preciso que todos entendam essa unidade complexa, apontando como necessidade vital “que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos” (p.15).

1 A ideia “Lançar mundos no mundo” foi tirada da música Livros, de Caetano Veloso.

2 Doolittle, H. (2012). Por amor a Freud - Memórias de minha análise com Sigmund Freud. Zahar editora. / Blanton, S. (1975). Diário de minha análise com Sigmund Freud. Editora Nacional. / Guntrip, H. (2006). Minha experiência de análise com Fairbairn e Winnicott: Quão completo é o resultado atingido por uma terapia psicanalítica? In: Natureza humana, v. 8, n. 2, pp. 383-411.

3 Morin, E. (2000). Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez.

Da psicanálise, pode-se dizer, que tem o intuito de buscar compreensão sobre o que Freud nomeou com o termo germânico *Seele*⁴. Em alemão, essa palavra tem acepções que convergem para o sentido dos afetos, dos sentimentos, da vida interior, ou seja, da alma humana. Por aproximação, da condição humana. O desenvolvimento da psicanálise vem acumulando, ao longo do tempo, um conhecimento profundo sobre a condição humana que não pode ser ignorado. E, se for considerada a perspectiva apresentada por Morin, o valor da psicanálise para a humanidade torna-se tamanho que impõe que sua divulgação seja tão extensa quanto possível.

O objeto de estudo da psicanálise, o Inconsciente, entendido como forças invisíveis, desconhecidas, mas atuantes, que constituem a psique e determinam o modo peculiar que cada pessoa tem de sentir e pensar é inesgotável. Nunca o inconsciente poderá ser apreendido em sua totalidade, porém, a cada vez que é vislumbrado, em cada estudo que se faz, aspetos novos podem ser desvelados, ampliando o conhecimento sobre ele.

Experiências não registradas têm duração fugaz. Se não quer perder o que experiência, o psicanalista precisa explicitar acertos e erros, modos de ver, de agir e de reagir, apreensões, dúvidas e reflexões que brotam no correr de sua atividade como psicanalista. Ainda que, num primeiro momento, o faça apenas para si mesmo, não deve perder de vista a publicação, pois somente assim exercitará a psicanálise em suas três dimensões, definidas por Freud⁵, a saber, investigação sobre o psiquismo, tratamento de transtornos psíquicos e constituição de uma teoria científica. Escrever é alimentar o cabedal do conhecimento psicanalítico, pois, como se sabe, o vai-e-vem das trocas possibilita o crescimento de cada analista e o engrandecimento da psicanálise como um todo.

É a partir dessa premissa que a Revista de Psicanálise Reverie se propõe como veículo para a transmissão dessas experiências, visando, antes de tudo, favorecer,

4 Hanns, L. A. (1996). Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago.

5 Freud, S. (2006). Dois verbetes de enciclopédia. In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XVIII, pp. 251-274. (Obra originalmente publicada em 1923[1922])

pela publicação de artigos, a expressão e o registro da vivacidade do pensar psicanalítico que flui no rio de pensamentos que corre em nossa sociedade. Para termos uma corrente forte, caudalosa, profícua, é preciso que nos detenhamos por um momento ao pé dela, nutrindo-a, impulsionando-a, de forma que possa abrir espaço e integrar a imensidão do mar da psicanálise contemporânea, caracterizada pela pluralidade e pela interação com outras áreas do conhecimento.

O entrelaçamento da psicanálise com a arte, principalmente com a literatura, data do seu surgimento e, na presente edição, essa interface toma um lugar de destaque. Na capa, ilustrada com *Resurgentis V*, obra de Sérgio Helle, celebramos o encontro, que se deu em 2021, entre membros da SPFOR e o artista plástico cearense. Por intermédio de Ana Valeska Maia Magalhães, professora de história da arte, psicóloga e analista em formação pela SPFOR, Sérgio nos recebeu para uma visita à sua exposição *Águas de Março*, na qual dedica um olhar à resistência da vida. Coroando esse encontro, tivemos sua participação em nossa jornada anual, com o tema *Resurgentis: a vida que insiste*.

Neste volume observam-se assuntos que atraíram o interesse dos membros da SPFOR no último ano. Vários dentre os artigos foram apresentados na jornada de 2021, que teve como tema, “Laços de amor e dor”, uma derivação de “Laços: o Eu e o mundo”, do 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise. Em tais temas se observa a sintonia do meio psicanalítico com o momento atual enfrentado pelo mundo, diante do sofrimento causado pela pandemia do coronavírus e de novas ameaças que circundam o equilíbrio psíquico. Contamos ainda com artigos de psicanalistas de outras sociedades que também se debruçam sobre questões centrais nesse contexto com ricas abordagens.

As seções foram organizadas em torno de temas decorrentes do conteúdo dos artigos selecionados para publicação. Na seção intitulada *Clínica Psicanalítica*, foram alocados trabalhos que contemplam aspectos clínicos, como o de Karina Bernardes que, parte de um fragmento clínico e encontra uma relação entre linguagem e comunicação, mostrando a aplicação da arte com ética e responsabilidade no campo analítico. Em seguida, o trabalho de Lourdes Negreiros, que descreve as vicissitudes da análise de um paciente obsessivo, ressaltando aspectos clínicos

e teóricos fundamentais para a compreensão desse modo de funcionamento psíquico. E, também, o artigo de Rosane Muller, que traz uma revisão sobre o masoquismo, com base no texto de Freud de 1924 e nas contribuições de outros autores, enriquecida com uma ilustração clínica que sedimenta os conceitos abordados.

Iniciando a seção *Psicanálise, arte e cultura*, o trabalho de Bernard Miodownik faz uma visita ao texto freudiano *Psicología das massas e análise do eu* com ênfase nos mecanismos inconscientes que concorrem para a formação dos agrupamentos humanos e nos conceitos envolvidos em questões relacionadas a esse fenômeno. Em seguida, Eliane Abreu, atendo-se à compreensão psicanalítica de um filme, elucida que manifestações do inconsciente se fazem presentes em estados de demência que acometem idosos, revelando como elas influenciam as relações afetivas das pessoas que estão nessa condição. No terceiro, Lina Schlachter pontua que modelos identificatórios internalizados desde a infância subsidiam acordos inconscientes entre homens e mulheres, os quais contribuem para a gênese da violência de gênero. E, fechando esta seção, Sérgio Telles pondera sobre como certas situações ocorridas nas famílias, revestidas com o caráter do segredo, reverberam no romance familiar, ilustrando com relatos biográficos de Freud, Hergé e Sebald.

Sob o título *Psicanálise em expansão* foram agrupados trabalhos que mostram o uso do conhecimento psicanalítico como esteio para outras abordagens. Compõe essa pauta, o artigo escrito por Eliane Abreu e Siulmara Cristina Galera que aborda aspectos psicodinâmicos de idosos que desenvolvem demência, e evidencia a pertinência de inserir compreensões de base psicanalítica no cuidado dispensado a eles e suas famílias. Outro trabalho que integra esta seção é o de Inês Benevides e Keila Targino, que parte de experiências de luto, tanto do lugar de analista quanto da vivência de uma das autoras, para elucidar que os estados de luto trazidos pelas circunstâncias atuais não são contidos pelos mecanismos culturais, devido a intensidade e a profundidade com que ocorrem, exigindo apoio, entendimento e elaboração psicanalíticos. Encerrando a seção, o artigo de José Alves Gurgel descreve possibilidades de diálogo entre a psiquiatria e a psicanálise, trazendo o contexto histórico dessa interação e vários exemplos sobre a contribuição dos

processos psíquicos inconscientes na formação dos transtornos psiquiátricos e, consequentemente, o valor da inserção do conhecimento psicanalítico no conjunto de saberes necessários à abordagem psiquiátrica do sofrimento mental.

Na seção *Técnica psicanalítica – reflexões*, encontra-se o artigo de Denile Thé, que sublinha o valor das categorias ritmo, tempo, espaço na constituição e no desenvolvimento humanos, ressaltando sua repercussão na clínica psicanalítica. Inspirada em tal compreensão, a autora estrutura sua ética em atender no que denomina Tripé dos Três C's: confiança – comunicação – continuidade, eixos que caracterizam o cuidado psicanalítico em seu sentido mais profundo. Na sequência, Izabel Leite propõe-se a pensar sobre a técnica psicanalítica no atendimento remoto experienciado durante o isolamento social, considerando como os novos dispositivos clínicos sustentaram o encontro do par analítico, sem perdas para o trabalho psicanalítico. Finalizando, Marcela Ranier discute, a partir de exemplos, o desafio de sobreviver ao trauma e transformá-lo em algo positivo para a vida, levando em conta que, na maioria das vezes, os traumas são enfrentados sem que se disponha de nenhuma preparação.

O momento de publicação desta edição começou com a observação feita por cada autor sobre algum aspecto da clínica, da teoria ou do mundo das vivências humanas em geral que culminou na escrita de cada artigo que compõe este volume. Agradeço aos autores pela confiança de publicarem na Reverie. Ao corpo editorial, pela parceria. Às colaboradoras, pela dedicação. A todos os membros da SPFOR, pelo patrocínio.

Pronto! O novo número da Reverie alça voo esperando dos leitores uma abertura para a possibilidade do novo. Que o leitor se permita ver interpretações diferentes daquela que ele já tem sobre determinado tema. Que possa observar novos modos de olhar e de refletir sobre aspectos nunca antes pensados, inaugurando mundos singulares que se abrem na vasta paisagem do mundo plural da psicanálise.

Maria Haydée Augusto Brito